



O jornalismo infantil e suas estratégias discursivas em meios digitais¹

Luiza Tiemi SAKURADA²

Vanessa Luiza de WALLAU³

Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz - FAG

1 Introdução

O objetivo deste resumo expandido é analisar os discursos, elementos visuais e criativos dentro do jornalismo infantil veiculado no mundo digital, através de materiais presentes em portais de comunicação e artigos que estudam o assunto, a fim de refletir sobre a assertividade e eficácia das estratégias na apuração e divulgação dos fatos em relação ao seu público alvo.

O jornalismo infantil é a área do jornalismo dedicada às crianças, que atende a interesses, linguagens e ideias especificamente condizentes a esta faixa etária. No Brasil, os primeiros jornais destinados a pessoas em estado de alfabetização foram no período imperial, no século XIX, quando o objetivo era estimular intelectualmente os estudantes. Desde então, vem buscado se adaptar aos novos formatos e acompanhar as tendências que os novos tempos exigem.

Apesar de ocupar um espaço reconhecível no mercado editorial, o jornalismo infantil ainda enfrenta desafios significativos, como a descredibilidade, a falta de apoio institucional e o desinteresse do público. Este trabalho concentra-se especialmente na última questão: como o jornalismo infantil tem dialogado nos meios digitais? Quais técnicas têm sido empregadas? E, por fim, os veículos digitais representam, de fato, o meio mais adequado para alcançá-las? Essas perguntas orientam o desenvolvimento desta pesquisa e fundamentam as reflexões apresentadas ao longo do texto.

¹ Resumo expandido apresentado no GT Pesquisa na Graduação, no VIII Encontro Regional Sul de Ensino de Jornalismo (Erejor Sul).

² Acadêmica do Curso de Jornalismo do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz (FAG). Temas de pesquisa: jornalismo infantil, discurso. E-mail: ltsakurada@minha.fag.edu.br

³ Professora orientadora. Docente do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz (FAG). E-mail: vanessaluiza@fag.edu.br



2 Metodologia

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa e de caráter exploratório, tendo como principal método a pesquisa bibliográfica e a análise de conteúdo (Gil, 2007). Inicialmente, realizou-se o levantamento de referências teóricas e artigos científicos que abordam o jornalismo infantojuvenil, suas práticas comunicacionais e o papel da mídia na formação das crianças, com destaque para o estudo de Ferreira (2022) e autores correlatos. Em seguida, realiza a análise de materiais jornalísticos disponíveis em portais digitais, especificamente na editoria *Folhinha*, buscando identificar os discursos, elementos visuais e estratégias criativas utilizados na apuração e divulgação das informações.

3 Fundamentação teórica

O jornalismo infantil exerce um papel fundamental na formação de cidadãos críticos e conscientes ao oferecer às crianças informações adequadas à sua faixa etária e estimular o interesse por temas sociais, culturais e científicos. Mais do que um segmento de entretenimento, trata-se de um instrumento de educação e cidadania, capaz de aproximar o público infantil da realidade que o cerca e de promover o desenvolvimento da literacia midiática, ou seja, a capacidade de compreender, analisar e produzir mensagens midiáticas de forma crítica (Buckingham, 2000; Livingstone, 2002).

Essa dimensão educativa se relaciona diretamente com o aspecto lúdico da infância. Para Château (1987, p. 14), “perguntar por que a criança brinca é perguntar por que é criança”, o que evidencia que o ato de brincar é intrínseco ao desenvolvimento infantil. Assim, ao considerar a ludicidade como parte essencial da aprendizagem e da construção de sentido, o jornalismo infantil deve buscar estratégias discursivas e visuais que dialoguem com esse universo simbólico e afetivo, aproximando a informação da experiência cotidiana da criança.

Apesar de ocuparem um espaço relevante dentro da sociedade, no que diz respeito ao panorama jornalístico, as crianças ainda prestam um papel de receptor



passivo das mensagens (Ferreira, 2022). Não sendo consideradas na construção de estrutura de uma matéria e não possuindo materiais adaptados que vão agregar ao seu conhecimento de mundo. Esta foi uma realidade identificada por alguns investigadores: Buckingham (2000), Livingstone (2002), Carter (2009) e Furtado (2013).

Além disso, como destaca Dino e Costa (2021), “crianças e adolescentes possuem voz e cada vez mais utilizam os espaços digitais para expressar suas ideias, reclamar seus direitos e difundir sua cultura”. Isso reforça a importância de que o jornalismo voltado para esse público esteja presente e ativo nesses ambientes, não apenas informando, mas também ouvindo, estimulando o pensamento crítico e a expressão das crianças.

Entretanto, para que esse processo comunicativo seja eficaz, é necessário que os adultos, em específico jornalistas e educadores, estejam dispostos a compreender o novo espaço e adaptar suas formas de expressão. Oliveira (2010, p. 13) destaca essa necessidade ao afirmar:

Elas são, de facto, pequenos investigadores, apenas necessitando de algum espaço/tempo e pequenas ajudas do adulto na promoção de ‘andaimes’ para desenvolverem as suas capacidades e a sua inteligência. Assim, posso pensar que o desenvolvimento e a dinamização do tempo das comunicações, promovendo o diálogo e melhorando, interactivamente, os tipos de produtos, são fundamentais para que possam desenvolver o conhecimento e construir conjuntamente as suas aprendizagens.

Essa perspectiva reforça o papel do adulto como mediador, capaz de construir pontes entre a complexidade do mundo e a forma como a criança o apreende. A *Folhinha*, editoria da *Folha de S. Paulo*, constitui um exemplo contemporâneo dessa tentativa de mediação. Ao traduzir o conteúdo jornalístico para uma linguagem acessível, afetiva e visualmente atrativa, o periódico busca oferecer às crianças não apenas informação, mas também ferramentas cognitivas para interpretar e questionar o que leem. Dessa forma, o jornalismo infantil digital se coloca como um espaço de diálogo entre gerações, em que o adulto organiza, mas a criança participa ativamente do processo de descoberta.

A *Folhinha* adota uma linguagem amigável e afetiva, adequando-se às especificidades cognitivas de seu público alvo, crianças recém alfabetizadas. As



reportagens apresentam parágrafos relativamente mais curtos e mensagens pausadas, favorecendo uma leitura mais fluida e de fácil compreensão. A presença recorrente de pontos de expressão, uso de onomatopéias e gírias reforçam um tom de proximidade que fortalece o lado lúdico do universo infantil. Essa escolha linguística contribui para a construção de um vínculo comunicativo horizontalizado, aproximando o discurso jornalístico das crianças, aspecto essencial para desenvolver interesse. Assim como diz Ferreira (2022, p. 78), “O jornalismo especializado no público infantil desempenham aqui importância crucial para as crianças contemporâneas, cidadãos do mundo de hoje, estarem bem informadas, formarem opiniões fundamentadas e assumirem um papel crítico interventivo na sociedade”.

Visualmente, a editoria mantém um padrão estético semelhante ao restante do jornal, o que, embora garanta coerência institucional, pode limitar a identificação imediata do público infantil. O uso de cores mais marcantes e recursos gráficos diferenciados poderia auxiliar as crianças a organizar melhor as ideias e a estabelecer uma relação mais intuitiva com o conteúdo, pois atua como um modo de controlar a atividade psicológica ao utilizar um instrumento como uma forma voluntária de relembrar e acumular informações (Carvalho, 2023).

As imagens, por sua vez, são bem selecionadas e cumprem função ilustrativa, mas o potencial visual poderia ser ampliado com o uso de diferentes linguagens visuais: como infográficos, quadrinhos ou ilustrações que favorecem tanto o aspecto informativo quanto o lúdico. Assim, a *Folhinha* demonstra um esforço relevante em adaptar-se às necessidades, mas ainda enfrenta o desafio de integrar a linguagem verbal e visual de modo mais estratégico e interativo.

4 Conclusão

A análise do jornalismo infantil em ambiente digital, com foco na editoria *Folhinha*, evidencia que esse campo ainda está em processo de consolidação no que se refere à adaptação plena às especificidades do público. Embora existam avanços significativos na tentativa de traduzir o conteúdo jornalístico para uma linguagem mais acessível, afetiva e lúdica, os resultados indicam que a eficácia dessa comunicação



depende diretamente da capacidade de integrar o discurso verbal e visual de forma equilibrada e estimulante.

A *Folhinha* mostra-se um exemplo relevante dessa tentativa de mediação, ao promover um espaço de diálogo entre adultos e crianças, em que a informação é tratada como instrumento de descoberta e construção conjunta do saber. Contudo, ainda há espaço para o aprimoramento das estratégias visuais e discursivas, de modo a tornar o conteúdo mais atrativo e efetivamente participativo.

Assim, o jornalismo infantil digital se reafirma como uma prática educativa e cidadã, que ultrapassa o simples ato de informar, contribuindo para formar leitores críticos, criativos e conscientes.

Referências

CARVALHO, D. C. de J. (2023). As Potencialidades da Codificação Por Cores na Produção de Textos. **Revista Letra Magna**, 19(34), 138–159. 2023

CHATEAU, Jean. **O jogo e a criança**. São Paulo: Summus, 1987.

DINO, Luísa Adib; COSTA, Daniela. Uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil: dinâmicas e desafios. **Revista Re@d**, v. 4, n. 1, 2021.

FERREIRA, Cátia Ana. Jornalismo Infantojuvenil: um estudo nacional para crianças contemporâneas. *Jornalismo e estudos mediáticos*. **Memória VI**. João Pessoa. p 73, 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

OLIVEIRA, Nadeia. **Escola Moderna**. n. 37. 5a série, 2010.